



História da Historiografia: International
Journal of Theory and History of
Historiography

E-ISSN: 1983-9928

historiadahistoriografia@hotmail.com

Sociedade Brasileira de Teoria e História
da Historiografia

de Melo Araújo, André

A verdade da crítica: o método histórico-crítico de August Ludwig (von) Schlözer e o
padrão histórico dos juízos

História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography,
vol. 8, núm. 18, 2015, pp. 93-109

Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=597769579007>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A verdade da crítica: o método histórico-crítico de August Ludwig (von) Schloëzer e o padrão histórico dos juízos*

The Truth of the Criticism: The Historical-critical Method of August Ludwig (von) Schloëzer and the Historical Pattern of Judgments

André de Melo Araújo

andre_meloaraudo@yahoo.com.br
Professor adjunto
Universidade de Brasília
Campus Universitário Darcy Ribeiro
70910-900 - Brasília - DF
Brasil

Resumo

Partindo do princípio segundo o qual o pensamento histórico do Iluminismo tardio se caracteriza pelo esforço metodológico que procura estabelecer bases firmes para a ancoragem dos juízos históricos, este artigo tem por objetivo (1) analisar como August Ludwig (von) Schloëzer (1735-1809) estabelece um conceito de verdade histórica que resulta do seu método histórico-crítico e (2) identificar de que modo esse conceito de verdade histórica se relaciona com o debate contemporâneo sobre as representações históricas. Ao considerar o interesse de Schloëzer ao longo de quarenta anos pela história da Rússia, defende-se aqui a tese segundo a qual o método histórico-crítico ultrapassa os limites dos procedimentos metodológicos da exegese bíblica e da filologia humanística já ao longo das últimas décadas do século XVIII.

93

Palavras-chave

Método crítico; Verdade; Historiografia alemã.

Abstract

The point of departure of this article is the methodological effort of Late Eighteenth-Century Historical Thought which seeks to establish a firm foundation for historical judgments. Here the aim is to (1) analyze how August Ludwig (von) Schloëzer (1735-1809) has established a concept of historical truth as a result of his critical method and to (2) identify how this concept of historical truth relates to the contemporary debate about historical representation. By especially considering Schloëzer's interest for forty years in the History of Russia, I argue that the historical-critical method overcomes the methodological procedures of biblical exegesis and humanistic philology already during the last decades of the Eighteenth-Century.

Keywords

Critical Method; Truth; German Historiography.

Recebido em: 28/4/2015

Aprovado em: 12/8/2015

* Os resultados de pesquisa apresentados neste artigo fazem parte de um projeto de investigação mais amplo sobre o conhecimento histórico no Iluminismo alemão, projeto este que conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Agradeço a Arthur Alfaix Assis pela leitura cuidadosa do manuscrito.

O pensamento histórico iluminista se caracteriza pelo esforço metodológico que procura estabelecer bases firmes para a ancoragem de seus juízos.¹ Faz parte, no entanto, desse mesmo processo o reconhecimento dos limites do conhecimento e da possibilidade da ignorância.²

“Eu prefiro ser ignorante a ser enganado” (SCHLÖZER 1768, p. 51),³ assume o jovem August Ludwig Schlözer (1735-1809), muito antes de ter ganhado fama como professor ordinário da Faculdade de Filosofia na recém-fundada Universidade de Göttingen (1734-1737). Nesse mesmo ambiente acadêmico, Johann David Michaelis (1717-1791) defendia que era preciso reconhecer a condição de ignorante nos casos, por exemplo, em que não fosse possível se posicionar com segurança frente às contradições presentes na documentação histórica. O motivo era claro: aquilo que é desconhecido do historiador “não pode ser substituído por uma afirmação *a priori*” (REILL 1975, p. 83).

O objetivo dessa forma de raciocínio era se afastar de todo e qualquer sistema que pressuponha a existência de verdades absolutas (MEYER 2008, p. 290). Em contrapartida, instaura-se um sistema hipotético em função do qual os raciocínios que almejam atingir a condição de verdadeiros são obrigados a expor a validade e a verificabilidade de seus próprios parâmetros. Para Schlözer, melhor seria admitir a condição provável de uma potencial certeza do que difundir os erros de tempos sombrios. “Toda ciência, e por conseguinte toda história, tem seus *erros*, suas *opiniões* e suas *verdades*”,⁴ afirma (SCHLÖZER 1768, p. 52). E ao deixar para trás “as regiões iluminadas da verdade”, entra-se consequentemente “no terreno sombrio da probabilidade, da dúvida, das conjecturas e dos erros” (SCHLÖZER 1768, p. 61).⁵

Foi ao procurar fundamentar a científicidade do conhecimento histórico⁶ que Schlözer refletiu sobre a tríade epistêmica *erro*, *opinião* (ou conjectura) e *verdade*. Suas reflexões epistemológicas encontram-se presentes, sobretudo, em seus exercícios de crítica histórica. Ao defender a necessidade do exame crítico das fontes, Schlözer procurava garantir a possibilidade da ciência histórica operar com um conceito de verdade não apriorístico. Desse ponto deriva a questão central que será enfrentada neste artigo, a saber: como se estabelece o conceito de verdade que resulta do método histórico-crítico desenvolvido por August Ludwig Schlözer à época do Iluminismo tardio e de que modo tal conceito se relaciona, mais contemporaneamente, com o debate sobre a possibilidade de construção de representações históricas.

¹ Nessa direção, destacam-se, paradigmaticamente, as reflexões de Johann Martin Chladnius (1710-1759) sobre os conceitos de certeza, probabilidade e verdade relacionados ao conhecimento histórico (cf. CHLADNIUS 1752, p. 280-352).

² Uma série de estudos contemporâneos sobre o pensamento iluminista insiste nessa tese. Veja-se, mais recentemente: GODEL; ADLER 2010.

³ No original: “Ich will lieber unwissend seyn, als betrogen werden.” Todas as traduções para a língua portuguesa foram feitas pelo autor do artigo. A ortografia e a pontuação das passagens originais em língua alemã não foram atualizadas com o objetivo de preservar as preferências e as peculiaridades estéticas presentes na documentação.

⁴ No original: “Jede Wissenschaft, folglich auch jede Geschichte, hat ihre *Irrtümer*, ihre *Meinungen*, und ihre *Wahrheiten*.”

⁵ No original: “Aus den lichten Gegenden der Wahrheit treten wir in die düstern Reviere der Warscheinlichkeit, der Zweifel, der Mutmassungen, und der Irrtümer über.”

⁶ Sobre o processo de cientificação do conhecimento histórico ao final do século XVIII, veja-se: BLANKE; FLEISCHER 1990; REILL 1991; IGGERS 1994; ARAÚJO 2012.

Para enfrentar essa questão é preciso, em primeiro lugar, mapear o trabalho crítico de Schröder ao longo de toda a sua carreira acadêmica, bem como apresentar indicativos da recepção de seus escritos no contexto universitário da segunda metade do século XVIII e do início do século XIX. Em um segundo passo, deve-se identificar os antecedentes do método histórico-crítico para, em seguida, apresentar as etapas do método de Schröder e analisar sua posição frente ao padrão histórico dos juízos. Por fim, é ao refletir em perspectiva historiográfica sobre o jogo entre método e objetivo do conhecimento histórico que se pode atualizar o debate deflagrado à época do Iluminismo tardio e procurar, assim, observar contemporaneamente a relação entre a representação histórica e a verdade da crítica.

Opus quadraginta annorum

Entre 1802 e 1809, August Ludwig Schröder publica, em cinco volumes, uma obra monumental: a edição crítica parcial da *Crônica de Nestor*. Trata-se da mais importante documentação escrita para história medieval da Europa oriental, compilada supostamente por Nestor em um mosteiro localizado na região de Kiev, no início do século XII (MÜLLER 2002, p. 94). Ainda que esses cinco volumes da edição alemã da *Crônica de Nestor* representem o último grande empreendimento intelectual de Schröder, seu interesse pelas fontes da história oriental se desenvolvera desde a juventude.⁷

Antes de ser contratado em 1770 como professor ordinário na Universidade de Göttingen, onde se dedicara, como aluno, aos estudos orientais e à filologia sob a tutela de Michaelis, Schröder empreendeu temporadas de trabalho e pesquisa na Suécia (1756-1758) e em São Petersburgo (1761-1769/70).⁸ Seu retorno para Göttingen ao final da década de 1760 foi marcado pela recepção entusiasmada de duas publicações significativas. Em 1768, Schröder imprime o resultado de suas primeiras tentativas de estudo crítico de fontes medievais russas (SCHLÖZER 1768). No ano seguinte, publica uma pequena história da Rússia (SCHLÖZER 1769). No texto da introdução à história da Rússia, datado de 1769, o autor conclui que para os leitores críticos mais exigentes e familiarizados com o conhecimento histórico ainda não lhe seria possível “escrever uma história da Rússia [nos termos de uma totalidade] conectada” (SCHLÖZER 1769, p. A3r).⁹ A dificuldade expressa nesse diagnóstico introdutório aponta para dois problemas.

Ao escrever uma história da Rússia, Schröder identifica, inicialmente, uma dificuldade operacional que se apresenta como um obstáculo para a construção narrativa das histórias universais no século das Luzes. Tal dificuldade se evidencia

95

⁷ Para além dos motivos ligados ao percurso de formação intelectual de Schröder, seu interesse renovado pela história da Rússia pode ser justificado, no início do século XIX, sobretudo em nome “do contexto de uma abertura geral da Rússia para com o Sacro Império Romano Germânico e a Europa”, segundo a tese de Martin Peters (PETERS, 2005, p. 418): “Schröders erneutes Interesse an der russischen Geschichte ist [...] im Zusammenhang einer generellen Öffnung Rußlands gegenüber dem Alten Reich und Europa [zu begründen].”

⁸ Sobre Schröder em São Petersburgo: PETERS; WINCKELMANN 2006.

⁹ “Für ernsthafte Leser bin ich noch nicht fähig, eine zusammenhängende Russische Geschichte zu schreiben, und noch weniger für kritische Geschichtsgelehrte.” Trata-se de um volume em pequeno formato (10,3 cm x 6,5 cm) editado na série “Pequena História do Mundo [Kleine Weltgeschichte]”. Sobre os estudos dedicados a temas russos na Universidade de Göttingen ao longo das últimas décadas do século XVIII, cf. HILDERMEIER 1987, sobretudo p. 102-104.

quando os homens de letras procuram transformar conjuntos agregados de informações históricas relativas às mais diversas partes do mundo em um único sistema, em uma totalidade conectada.¹⁰ E esse sistema não escapa aos objetivos do autor, tanto ao publicar pequenas histórias locais, quanto ao apresentar o propósito mais geral de um trabalho crítico com as fontes da história da Rússia. Na história do mundo – defende Schröder –, poucos são os povos que passaram por “tantas e tão extraordinárias revoluções”, como é o caso da nação russa (SCHLÖZER 1802b, p. s/n).¹¹ Nesse sentido, a história russa passa a ser vista como um caso indispensável para que se possam estabelecer conexões causais entre as revoluções por que passara o gênero humano. E esse modo de integrar partes inicialmente desconexas em um único sistema conectado constitui um dos métodos possíveis por meio do qual Schröder apresenta o amálgama lógico e narrativo da história universal (SCHLÖZER 1772, p. 1-2).

Em segundo lugar, o problema percebido pelo autor ao concluir que ainda não lhe seria possível escrever, em 1769, uma história da Rússia para os leitores mais exigentes diz igualmente respeito às lacunas deixadas à mostra pela crítica metódica das fontes históricas.¹² Esse é um dos motivos em função dos quais a dedicação pioneira de Schröder à análise crítica de fontes medievais russas (KARLE 1972, p. 2) foi recebida em Göttingen com entusiasmo e abriu caminho para sua contratação como docente na universidade alemã.

A acolhida tinha um conhecido endereço. Dentre os *Praeceptores Germania*, o nome de Christian Gottlob Heyne (1729-1812) era aquele com o qual se associavam, em Göttingen, os estudos de filologia clássica e, de modo geral, o conhecimento histórico do mundo antigo (MARINO 1995, p. 267). É de sua autoria a resenha publicada em 1768 no periódico *Göttingische Gelehrte Anzeigen* segundo a qual o título dos estudos críticos de Schröder editados naquele ano não deveria apenas indicar que se trata de um ensaio sobre anais russos, mas também trazer um acréscimo com o qual se anunciaria que um plano da história da Rússia ainda estaria por ser feito.¹³ Heyne identifica, portanto, o problema de via dupla que Schröder reconheceria no ano seguinte. E para que erros pudessem ser evitados, as fontes históricas deveriam ser tratadas de forma crítica antes que conexões causais fossem traçadas. “O primeiro – e mais fundamental – passo que deve ser dado”, afirma Heyne, “é preparar uma edição crítica dos Anais” (HEYNE 1768, p. 215).¹⁴

A edição crítica da *Crônica de Nestor* não foi preparada por Schröder apenas nos primeiros anos do século XIX. Os volumes publicados pelo editor Heinrich Dieterich a partir de 1802 apresentam o trabalho feito pelo professor de Göttingen

¹⁰ Consulte-se, mais recentemente, VÖLKEL 2012.

¹¹ No original: “Denn in der ganzen WeltGeschichte, so weit ich sie kenne, treten überaus wenige Völker auf, bei denen so viele und so außerordentliche Revolutionen vorgefallen wären, wie bei der Russischen Nation.”

¹² A importância conferida na Universidade de Göttingen à crítica metódica das fontes históricas tem sido vista, na história da historiografia, como um aspecto central do processo de cientificação do conhecimento histórico. Nessa direção, veja-se, sobretudo, MUHLACK 1991, p. 396; IGGERS 2002, p. 227; IGGERS; WANG 2008, p. 28.

¹³ Segue o título, em língua alemã, sugerido por Heyne: “Versuch über die Rußischen Annalen, und zugleich über den Plan der noch vorzunehmenden Ausarbeitung der Rußischen Geschichte” (HEYNE 1768, p. 209).

¹⁴ No original: “Eine kritische Ausgabe der Annalen ist also das erste und wesentlichste, was vorgenommen werden muß.”

ao longo de quarenta anos – um *opus quadraginta annorum* (SCHLÖZER 1802b, p. XVII; HENKEL 2006, p. 103) –, visto que desde o regresso de São Petersburgo, a história da Rússia não deixara de ser um dos temas mais visitados pelo autor ao longo de sua carreira. Além de publicar textos e resenhas sobre o tema (HENKEL 2004), o nome de Schröder atraía jovens estudantes russos para a universidade alemã,¹⁵ de modo que suas preleções, seus escritos e exercícios de crítica histórica tiveram significativo impacto sobre a produção historiográfica russa ainda no século das Luzes (PESENON; SPOCK 2012, p. 298-299). No entanto, do ponto de vista comercial, o trabalho de Schröder representou um grande fracasso. O editor Heinrich Dieterich registra sua decepção, de próprio punho, ao informar ao autor, em 27 de fevereiro de 1804, que ainda mantinha em estoque 460 das 750 cópias impressas dos dois primeiros volumes da *Crônica de Nestor*.¹⁶ Já para aqueles interessados na fundamentação metódica do conhecimento histórico, a mesma edição foi rapidamente reconhecida como “um modelo de precisão e de ‘total cumprimento do dever de um historiador crítico’.”¹⁷ Esse entusiasmo por uma edição crítica das fontes medievais da história russa, como já desejado por Heyne em 1768, reflete-se no balanço biográfico póstumo feito por um dos mais importantes alunos do filólogo clássico à época em que o pensamento historicista se consolidava em solo germânico. Arnold Hermann Ludwig Heeren (1760-1842) afirma categoricamente que a principal obra de Schröder fora “o tratamento crítico da Crônica de Nestor”, graças ao qual “a mais antiga e mais importante fonte para a história da Rússia” pode de fato ser comentada (HEEREN 1823, p. 502).

97

O aprendizado da crítica

Quatro décadas antes de publicar sua edição da *Crônica de Nestor*, Schröder expôs em junho de 1764, frente aos membros da Academia de Ciências de São Petersburgo, suas próprias “Reflexões sobre a maneira de tratar a História da Rússia”. Em sua opinião, a crônica russa necessitava de um trabalho em três frentes, assim denominadas: *studium annalium criticum*, *studium annalium grammaticum* e *studium annalium historicum* (SCHLÖZER 1764).

À época do Iluminismo tardio, o chamado método histórico-crítico era o resultado do entrecruzamento dessas três frentes de trabalho. E Schröder não reivindica para si a condição de fundador de tal método de tratamento das fontes históricas. “[...] Eu o aprendi com outros [homens de letras] e apenas o

¹⁵ Sobre o fluxo e a presença de alunos russos nas aulas de Schröder em Göttingen, cf. LEHMANN-CARLI; BROHM; PREUSS 2008, p. 38; PETERS 2004, p. 193; LAUER 2012, p. 29.

¹⁶ Cf. carta de Heinrich Dieterich endereçada August Ludwig Schröder e datada de 27 de fevereiro de 1804, apud: ZIEGENEIST 1986, p. 371. Sobre a importância do editor Heinrich Dieterich para o “negócio do Iluminismo” no contexto do Sacro Império Romano Germânico, veja-se, sobretudo: WITTMANN 2011, p. 148.

¹⁷ Sobre a recepção contemporânea da edição de Schröder, veja-se: PETERS 2005, p. 420: “[...] Muster an Genauigkeit und ‘vollständiger Erfüllung der Pflicht eines historischen Kritikers’ [...]”, de acordo com a resenha da obra de Schröder publicada em 1805 por Johannes v. Müller. Elogios à edição de Nestor também podem ser encontrados em: ZIEGENEIST 1986, p. 366-367. Quanto à tradução e à recepção da edição de Schröder na Rússia, cf. SCHLÖZER 1828, p. 407.

¹⁸ No original: “Sein [Schröders] Hauptwerk bleibt seine kritische Bearbeitung der Chronik des Nestor, in der die älteste und wichtigste Quelle der Russischen Geschichte von ihren fremdartigen Zusätzen gereinigt und durch seine Anmerkungen erläutert worden ist.”

apliquei à história russa", confessa (SCHLÖZER 1802c, p. XX).¹⁹ História russa que, por sua vez, fora o seu campo estudos favorito desde a juventude, de tal forma que Schröder deixa de lado sua dedicação inicial à filologia bíblica (apud: WINTER 1961, p. 46).

Ainda como estudante em Göttingen, o jovem Schröder aprendera a ler historicamente as escrituras sagradas nos cursos de Michaelis voltados, principalmente, para a gramática hebraica, para a exegese do livro do *Gênesis*, para as leituras e para a tradução do antigo testamento, bem como para as línguas orientais (SMEND 1987, p. 63). A obra do mestre é considerada um marco nos estudos de exegese crítica das escrituras sagradas (BEUTEL 2009, p. 143), sobretudo por representar o ponto de contato entre os estudos teológicos desenvolvidos na universidade de Göttingen e as ideias inovadoras difundidas pelos professores de sua *alma mater* – a universidade de Halle.²⁰

Em 1742, um ano após Michaelis ter iniciado suas atividades docentes em Halle, começa a circular a primeira de três diferentes – e cada vez ampliadas – edições das lições sobre a interpretação das escrituras sagradas de Siegmund Jacob Baumgarten (1706-1757) (BAUMGARTEN 1751). O programa da hermenêutica bíblica²¹ de Baumgarten apresenta com clareza as principais etapas que a interpretação do texto sagrado deve observar. Para compreender as escrituras, é necessário que o intérprete determine o significado de suas palavras e expressões, esclareça as circunstâncias históricas, contextos e propósitos das passagens que se pretende interpretar e seja ainda capaz de explicar as verdades contidas em tais passagens. No entanto, a verdade hermenêutica, para o teólogo de Halle, não se confunde com as verdades históricas, dogmáticas e morais (BAUMGARTEN 1759, p. 7-8).²²

Ampliando o escopo dessa tradição, um aluno de Baumgarten em Halle, Johann Salomo Semler (1725-1791), publica em 1761 uma *Tentativa de facilitar o uso de fontes na História do Estado e da Igreja medievais*, estudo este que acaba por estabelecer o padrão para a crítica das fontes na segunda metade do século XVIII.²³ No que diz respeito à proposta de crítica defendida por Semler – tradição que foi levada para Göttingen sobretudo por Michaelis –, Schröder constata, em julho de 1767, que esse também deve ser o modelo

¹⁹ No original: "Jener Plan ist nicht mein Plan: ich habe ihn nicht erfunden, sondern von Andern gelernt, und nur auf Russische Geschichte angewandt."

²⁰ As ideias iluministas difundidas na universidade de Göttingen foram fortemente influenciadas pelos trabalhos produzidos em Halle e em Leipzig. Apoiado no fato de que Michaelis estudara e lecionara em Halle antes de ser contratado como professor ordinário em Göttingen, seu aluno Schröder foi designado, em um estudo clássico de Günter Mühlfordt, como um verdadeiro "filho do Iluminismo de Halle e Leipzig" (MÜHLPFORDT 1963, p. 134: "ein Zögling der Halle-Leipziger Aufklärung").

²¹ Sobre as contribuições de Baumgarten para a hermenêutica bíblica no contexto do século XVIII, veja-se: DANNENBERG 1994; FLEISCHER 2006.

²² No original: "Wenn der Verstand einer Rede mit den Gedanken des Urhebers derselben übereinkommt, folglich dem Endzweck desselben gemäß ist, wird er der wahre und richtige genannt; wenn solche Vorstellungen gleich mit der Sache selbst, die sie betreffen, nicht übereinstimmen solten. Folglich ist die hermeneutische Warheit mit der historischen, dogmatischen und moralischen, oder die Richtigkeit der Erzählung, Lehrsätze und Versicherungen nicht zu verwechseln: indem sie weder einerley noch auch allezeit und notwendig verbunden sind; daher man auch von einer Art derselben nicht auf die andere schliessen kan."

²³ No que diz respeito ao papel central desempenhado por Semler para o estabelecimento da crítica iluminista das fontes, Dirk Fleischer argumenta que esse pequeno estudo do teólogo, "de apenas 160 páginas, representa, sem sombra de dúvida, um marco no processo de cientificização do pensamento histórico na Alemanha" (FLEISCHER 2006, p. 600). Também nessa direção, cf. FLEISCHER 2008.

a ser seguido no desenvolvimento do trabalho metodológico²⁴ com a crônica russa. Semler se dedicara, por meio de um método comparativo (SEMLER 1761, p. 46 e 153), à determinação de autenticidade dos documentos frente às diversas cópias e variantes (SEMLER 1761, p. 17-22 e 158-159). E esse mesmo procedimento comparativo viria a se estabelecer como um dos pilares operacionais fundamentais da ideia iluminista de crítica das fontes (FLEISCHER 2008). Eis as principais referências em que Schröder se apoiara ao confessar que aplicara à história russa um método de tratamento das fontes históricas que aprendera com outros homens de letras. Torna-se assim evidente o peso da formação inicial em filologia bíblica que Schröder carrega para São Petersburgo, cidade na qual defende, pela primeira vez, que a crônica russa precisa passar pelo trabalho da crítica.

As etapas do método histórico-crítico

A primeira etapa do método histórico-crítico, chamada por Schröder de *studium annalium criticum*, tem por objetivo estabelecer o texto dos documentos antigos. Ou seja, os documentos devem, antes de tudo, ser identificados como documentos autênticos para que sejam potencialmente capazes de veicular informações historicamente comprováveis. Ao longo de quarenta anos, Schröder procura verificar se o documento conhecido como *Crônica de Nestor* corresponde às palavras originais do autor. E uma vez que o documento original não mais existia, as cópias manuscritas da *Crônica* foram comparadas entre si, de tal modo que as interpações, as omissões e as informações divergentes pudessem ser claramente identificadas entre as variantes remanescentes do texto (SCHLÖZER 1764, p. 54). O objetivo do esforço crítico era claro: “Eu queria publicar um *Nestor* puro” (SCHLÖZER 1802c, p. X),²⁵ sem mácula, argumenta Schröder. A pureza do texto diz respeito, nesse caso, à eliminações dos deslizes ortográficos e das interpações inseridas no corpo do documento pelos copistas. Essa etapa do trabalho, também chamada de pequena crítica, ou crítica textual (SCHLÖZER 1802c, p. 285), ocupa-se, portanto, do estabelecimento do texto a partir da comparação verbal das variantes e da identificação de autoria das passagens.

A esse primeiro passo, segue-se a interpretação gramatical, histórica e estética. O *studium annalium grammaticum* dedica-se à compreensão da crônica. Tanto quanto na primeira etapa, aqui também é necessário o conhecimento de línguas antigas. Ao longo de sua vida, Schröder lidou gramaticalmente com quinze idiomas diferentes (SCHLÖZER 1802a, p. 42). O vasto conhecimento linguístico deve ser mobilizado, inclusive, para identificar comparativamente as transformações semânticas por que passam as palavras e expressões ao longo do tempo.

²⁴ Sobre tal ponto, esclarece Schröder: “[...] Hrn. D. Semlers Versuch, den Gebrauch der Quellen in der Staats- und KirchenGeschichte der mittlern Zeiten zu erleichtern, (8vo Halle 1761. 11 Bogen.) Diese vortreffliche Schrift, voll ächter Kritik, ist mir zu spät bekannt geworden: ich würde sie sonsten sehr gut haben brauchen können, die Aehnlichkeit der Rußischen mit den deutschen Annalen noch weiter auszuführen, und auch daraus die Methode, auf die ich bei Behandlung der Rußischen Annalen dringe, zu rechtfertigen” (SCHLÖZER 1768, p. 6r).

²⁵ No original: “Ich wollte einen reinen *Nestor* liefern.”

A última etapa do método histórico-crítico, chamada de *studium annalium historicum*, opera igualmente por meio da comparação das variantes das fontes (SCHLÖZER 1764, p. 54), classificando-as de acordo com os assuntos nelas tratados (SCHLÖZER 1764, p. 56). Nessa etapa, o historiador-pesquisador deve se ocupar não apenas das variações ortográficas e semânticas para estabelecer a autenticidade dos documentos, mas deve agora ser sobretudo capaz de verificar se o material escrito faz referência a um acontecimento histórico comprovável.

Nesse sentido, a *Crônica de Nestor* não se encontra livre de problemas, motivo pelo qual Schlözer teve de desenvolver algumas estratégias. Em primeiro lugar, foi preciso estabelecer uma cronologia confiável que possibilitasse o trabalho subsequente do historiógrafo. De acordo com Schrözer, a cronologia da história bizantina está cheia de indicações erradas referentes aos anos,²⁶ algo que dificulta – quando não impede – a tarefa posterior da escrita da história. E para não se deixar confundir com escritores ficcionais, os historiógrafos não podem abrir mão do compromisso com a verdade (SCHLÖZER 1784, p. 2-3), devendo, portanto, fundamentar sua narrativa em documentos que passaram pelo trabalho da crítica.

Visto que o trabalho histórico-científico consiste em duas etapas principais – a saber: a crítica documental e a construção narrativa –, somente uma edição de fontes históricas que pressupõe o trabalho “de um pesquisador erudito da história pode sevir de base para o seu sucessor, o historiógrafo [...]” (SCHLÖZER 1802b, p. XIX).²⁷ Desse modo, um historiador-pesquisador deve ter como objetivo apresentar, “com a maior certeza possível, a cronologia bizantina a partir do ano 800, para que então seja possível compará-la com os dados das crônicas russas” (SCHLÖZER 1805a, p. 7-8).²⁸ Tais dados, no entanto, também não estão livres de problemas, já que comentários foram inseridos ao longo do tempo diretamente no texto das crônicas – motivo pelo qual Nestor assumira gradualmente diversas vozes, por vezes contraditórias e irreconciliáveis. Eis a origem de anacronismos grosseiros e inverdades históricas.

Com o objetivo de evitar esses problemas, os anais devem ser comparados com outras fontes para que se possa estabelecer historicamente, e com o maior grau de probabilidade possível, que formulações realmente são de Nestor. E uma vez que os textos apresentam um conjunto de assertivas contraditórias e irreconciliáveis, ou uma mistura de notícias prováveis e coisas inacreditáveis (SCHLÖZER 1768, p. 209), essa confusão deve ser desfeita por meio da definição de certezas ou de afirmações prováveis.

Em língua alemã, o termo “probabilidade” [*Wahrscheinlichkeit*] condensa dois conceitos distintos da tradição retórica latina, a saber: *verisimile* e *probabile*

²⁶ Schrözer sublinha, em muitos dos seus escritos, a dificuldade de construir uma cronologia confiável. A título de exemplo, destaque-se a seguinte passagem: “Os anos – e outras circunstâncias que dizem respeito à identificação cronológica dos acontecimentos – são comprovadamente falsos” (SCHLÖZER 1805a, p. 338: “Die JarZalen, und andre Umstände, die Zeit der Ereignisse betreffend, sind erweislich falsch.”).

²⁷ No original: “Nur eine solche Ausgabe, die einen gelernten GeschichtsForscher voraussetzt, darf sein Nachfolger, der GeschichtsSchreiber, zum Grunde legen, wenn er sich nicht bei seinem Geschäfte lächerlich machen will.”

²⁸ No original: “Ein künftiger russischer Geschichtforscher mache sich ein eignes Studium daraus, die Byzantische ZeitRechnung vom J.[ahr] 800 an zur möglichsten Gewißheit zu bringen, und sie dann mit den Angaben der russischen Chroniken zu vergleichen.”

(ZEDLER 1747); conceitos estes que, por sua vez, remetem a dois planos distintos. O primeiro deles, refere-se à verossimilhança de um acontecimento narrado tendo em vista outros acontecimentos empiricamente constatados, de tal forma que resvala no julgamento sobre a percepção sensorial da coisa em si. Algo identificado como provável, por sua vez, aponta para os procedimentos analíticos do método crítico. O fundamento do primeiro conceito é a experiência, enquanto que a legitimidade do segundo conceito diz respeito ao rigor do método (SCHARLOTH 2002, p. 261). Nessa diferença conceitual não deixa de reverberar a distinção do trabalho histórico-científico feita por Schröder em duas etapas principais: (1) a pesquisa que requer o respeito ao método histórico-crítico e (2) a construção narrativa da história, que por sua vez se apóia em procedimentos estéticos com o objetivo de assegurar a verossimilhança.²⁹ É de fato essa distinção que será explorada, mais adiante, com o intuito de observar a relação que se pode estabelecer entre a ideia de verdade representacional para a época das Luzes e a função epistemológica da verdade da crítica. Por enquanto, fiquemos com os resultados do método histórico-crítico em função dos quais Schröder assegurava que agora se sabe “com certeza, ou melhor, com grande probabilidade, o que *ele* [Nestor] escreveu e como escreveu” (SCHLÖZER 1802c, p. XI).³⁰

O padrão histórico dos juízos

A definição segura de textos autênticos do passado passa pela tarefa de eliminar erros e interpolações identificáveis nos documentos. E sendo a verdade, para Schröder, “a primeira e mais insubstituível lei de toda história” (SCHLÖZER 1802b, p. 3v),³¹ é preferível ressaltar as lacunas presentes no conhecimento a deixar de lado o esforço metodológico da crítica e considerar como válidas informações baseadas em falsidades ou em opiniões duvidosas (SCHLÖZER 1768, p. 51).³² Ao observar a *prima lex historiae*, o método histórico-crítico tem por referência uma escala gradativa da confiabilidade das informações históricas, já que a verdade da crítica é o resultado positivo do processo que eleva algo do patamar da dúvida para aqueles da probabilidade e, se possível, da certeza. Para percorrer de forma ascendente essa escala gradativa, o *studium annalium historicum* não pode se satisfazer exclusivamente com as informações apresentadas de acordo com a lógica interna de um único documento.

Com tal prerrogativa em mente, Schröder deixa-se guiar pelas seguintes perguntas: “[Nestor] pensou corretamente? O que ele narra é fato ou fábula?” (SCHLÖZER 1802c, p. 286).³³ Nessa etapa do método histórico-crítico, o professor de Göttingen defende que o conhecimento presente sobre o passado é superior àquele produzido em épocas pouco – ou nada – ilustradas, justamente pelo fato de que o tempo presente sabe julgar com maior grau de certeza a

101

²⁹ Nesse sentido, Johann Christoph Gatterer (1727-1799) discorre em 1767 sobre a arte de narrar sensivelmente e sobre a arte de despertar no leitor de um texto de história a presença ideal dos acontecimentos. Cf. GATTERER 1767.

³⁰ No original: “[...] man weiß nun mit Gewißheit, oder doch mit hoher Wahrscheinlichkeit, was und wie *Er* [Nestor] geschrieben [...].”

³¹ No original: “[...] die Wahrheit, das erste und unerlässliche Gesetz jeder Geschichte [...].”

³² No original: “*Prima lex historiae, ne quid falsi dicat.*”

³³ No original: “Dachte er richtig? Ist das, was er erzählt, Factum oder Märchen?”

fundamentação histórica das informações expressas nos documentos. Por esse motivo, deve-se na última etapa da crítica emitir juízos presentes sobre os erros dos juízos do passado. Eis no que consiste a mais alta crítica (SCHLÖZER 1802c, p. 286): ela deve verificar não apenas a autenticidade documental das opiniões expressas pelo autor no texto, mas também procurar determinar se o teor das opiniões expressas no documento é verdadeiro (SCHLÖZER 1805a, p. V).

A verdade almejada pelo método histórico-crítico não encontra, portanto, respaldo na eloquência retórica compatível com o comportamento dos caracteres na narrativa (LEVINE 1994, p. 269-270); tampouco opera segundo os preceitos da tradição hermenêutica de interpretação das escrituras, para os quais o problema de determinação da verdade bíblica se desenvolve no jogo que se estabelece entre o *sensus litterae* e o *sensus mysticus* (BARTH 2000, p. 76). Contrariamente a essas duas tradições e, consequentemente, para além delas, a alta crítica deve investigar simultaneamente elementos internos e externos à documentação. Mesmo que o texto da *Crônica de Nestor* permaneça, para Schröder, como a fonte principal para o estudo da história medieval russa, fontes secundárias são levadas em consideração na última etapa da crítica – tais como cronografias, registros de famílias nobres, registros eclesiásticos, moedas antigas, inscrições, pinturas e canções populares (SCHLÖZER 1802b, p. 60-71).³⁴

Interessa, portanto, saber se “a testemunha disse a verdade” (SCHLÖZER 1784, p. 21);³⁵ verdade esta que se define, em um primeiro plano, por sua compatibilidade com um padrão histórico dos juízos. Nesse sentido, Johann Christopher Gatterer, professor catedrático de história na universidade de Göttingen à época em que Schröder preparava a publicação de seus primeiros exercícios de crítica histórica, afirma: “Caso se queira passar [da verdade do romance] à verdade histórica, então é preciso mostrar que os contemporâneos pensaram o acontecimento na forma como eles o narraram” (GATTERER 1767, p. 37).³⁶ E uma vez que, quatro décadas depois, afirma-se saber muita coisa de forma melhor do que Nestor e seus contemporâneos souberam, parte das ideias do cronista russo precisa ser, em um segundo momento, corrigidas, retificadas (SCHLÖZER 1805b, p. XXV). Desse modo, o progresso do presente iluminista ajuda a reconhecer o padrão histórico das verdades do passado. Consequentemente, a autoridade apriorética dos juízos históricos contidos nas fontes “não encontra validade no reino da verdade” (SCHLÖZER 1805a, p. VII) delimitado pela crítica.³⁷ O corolário necessário do progresso da crítica é que no reino da verdade o padrão dos juízos históricos se historiciza radicalmente.

Método e objetivo do conhecimento histórico

Em perspectiva historiográfica, o método da filologia humanística vê-se ampliado, ao longo da Idade Moderna, com o objetivo de abranger o estudo dos

³⁴ No caso das canções populares, Schröder já havia colocado em dúvida se esse tipo de fonte merece ser alçado à condição de fonte secundária da história russa (cf. SCHLÖZER 1768 p. 16r-16v).

³⁵ “Die höhere Kritik untersucht aus äußern und innern Gründen: hat der Zeuge wahr gesagt?”

³⁶ No original: “[...] soll sie [die Wahrheit der Romane] zur historischen Wahrheit werden, so muß man zeigen, daß die Zeitgenossen so davon gedacht haben, wie sie erzählet wird [...]”

³⁷ No original: “Im Reiche der Wahrheit gilt keine Autorität!”

restos materiais da Antiguidade clássica.³⁸ Todavia, segundo Ulrich Muhlack, a “compreensão normativa do mundo antigo” se sobrepõe, nesse período, à determinação de “uma visão histórica da realidade testemunhada pelas fontes” (MUHLACK 1985, p. 96).³⁹ Dessa observação resulta a tese segundo a qual a reflexão historiográfica do Iluminismo tardio seria ainda caracterizada por um dualismo intransponível entre *método* e *objetivo* do conhecimento histórico (MUHLACK 1991, p. 402-403). Entretanto, ao se analisarem os exercícios de crítica-histórica publicados por Schröder, faz-se necessário rever o caminho argumentativo de Muhlack levando em consideração a seguinte proposição: o *studium annalium historicum* não se satisfaz com os limites – e não se identifica com a função precípua – dos procedimentos metodológicos da exegese bíblica e da filologia humanística aplicados ao conhecimento histórico a partir das últimas décadas do século XVIII.

Dessa proposição derivam duas consequências mais salientes: (1) Os *objetivos* do *studium annalium historicum* não cumprem uma função normativa. O método histórico-crítico de Schröder não procura, em sua última etapa, reconstituir filologicamente os textos do passado com o objetivo de fornecer padrões normativos de ordem estética e/ou moral para o tempo presente.⁴⁰ Por mais que o dualismo defendido por Muhlack entre fim e meio, entre objetivo e método do conhecimento – que por sua vez se deixa refletir na separação clara entre a alta historiografia e aquela de propósito filológico-antiquário (MUHLACK 1992, p. 69) – aponte acertadamente para o estabelecimento de etapas distintas do conhecimento histórico, epistemológica e hierarquicamente, tal dualismo não encontra fácil correspondência na visão historiográfica de Schröder. É certo que o professor de Göttingen propõe uma divisão pragmática do conhecimento histórico em etapas não unificadas sistematicamente (BECHER 1980, p. 7), de modo a caracterizar uma visão compartimentada do conhecimento histórico. No entanto, essas etapas se cruzam – muito embora não simultaneamente – ao se procurar definir o trabalho do historiador-cientista como aquele que descarta os artifícios retóricos infundados ou as verdades apriorísticas em nome da verdade da crítica. Disso resulta que (2) o método histórico-crítico não se define nem pelo respeito inquestionável a verdades apriorísticas, nem pela observação exclusiva da lógica interna dos textos do passado. Por mais que o método de Schröder encontre relação direta tanto com os procedimentos da filologia humanística, quanto com a hermenêutica teológica, e tenha por objetivo eliminar deslizes ortográficos e interpolações inseridas no corpo do documento pelos copistas, a alta crítica deve considerar, na sua definição de verdades históricas, elementos internos e externos à documentação. Como consequência, tem-se que se a narrativa histórica científica prefere identificar lacunas no conhecimento a continuar se apoiando em opiniões infundadas ou em informações falsas. É, enfim, em função do seu método que a dilatação

³⁸ Sobre método da filologia humanística e a compreensão histórica, cf. HAMMERMEISTER 2006, p. 51 e 56; GADAMER 1998, p. 274 [GW1, 178].

³⁹ “normative[s] Verständnis der Antike”; “historische Anschauung der durch die Quellen bezeugten Realität”.

⁴⁰ Em uma perspectiva historiográfica mais ampla, cf. ASSIS 2014, p. 47-48.

temporal dos padrões normativos é substituída pela temporalidade aguda das verdades historicamente identificáveis pela crítica.

O pensamento histórico do Iluminismo tardio de Göttingen abala, portanto, o fundamento de uma concepção dualista do conhecimento histórico, segundo a qual *método* e *objetivo* são irreconciliáveis. Esse abalo é operado a partir do momento em que o trabalho histórico-científico deve reunir os esforços dos pesquisadores eruditos da história e do historiógrafo. Ao atualizar essa fórmula, chega-se ao seguinte resultado: uma vez que a representação histórica tem sido definida, mais recentemente, como um caldo mais grosso do que a verdade (ANKERSMIT 2012, p. 98-99),⁴¹ para o conhecimento histórico científico do Iluminismo tardio a verdade da crítica não é apenas um ingrediente do caldo; ela é a condição epistemológica necessária para a existência da receita.

Referências bibliográficas

ANKERSMIT, Frank. **Meaning, Truth, and Reference in Historical Representation**. Ithaca; New York: Cornell University Press, 2012.

ARAÚJO, André de Melo. **Weltgeschichte in Göttingen**: Eine Studie über das spätaufklärerische universalhistorische Denken, 1756-1815. Bielefeld: transcript, 2012.

ASSIS, Arthur Alfaix. **What is History for?** Johann Gustav Droysen and the Functions of Historiography. New York; Oxford: Berghahn, 2014.

104

BARTH, Ulrich. Hallesche Hermeneutik im 18. Jahrhundert. Stationen des Übergangs zwischen Pietismus und Aufklärung. In: BEETZ, Manfred; CACCIATORE, Giuseppe (orgs.). **Hermeneutik im Zeitalter der Aufklärung**. Köln; Weimar; Wien: Böhlau, 2000, p. 69-98.

BAUMGARTEN, Siegmund Jacob. **Unterricht von Auslegung der heiligen Schrift für seine Zuhörer ausgefertigt von Siegm. Jac. Baumgarten**. 3^a ed. ampliada. Halle: J. A. Bauer, 1751.

_____. **Unterricht von Auslegung der heiligen Schrift**. Halle: Johann Justinus Gebauer, 1759.

BECHER, Ursula A. J. August Ludwig v. Schlözer. In: WEHLER, Hans-Ulrich (org.). **Deutsche Historiker**. Vol. 7. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1980, p. 7-23.

BEUTEL, Albrecht. **Kirchengeschichte im Zeitalter der Aufklärung**: Ein Kompendium. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2009.

BLANKE, Horst Walter; FLEISCHER, Dirk. Artikulation bürgerlichen Emanzipationsstrebens und der Verwissenschaftlichungsprozeß der Historie. Grundzüge der deutschen Aufklärungshistorie und die Aufklärungshistorik. In: _____ (orgs.). **Theoretiker der deutschen**

⁴¹ "Representation is a stronger brew than truth. Representation contains truth – witness the statements contained by a historical representation; it does not go *against* but *beyond* truth."

- Aufklärungshistorie.** Vol. 1: Die theoretische Begründung der Geschichte als Fachwissenschaft. Stuttgart; Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1990, p. 19-102.
- CHLADENIUS, Johann Martin. **Allgemeine Geschichtswissenschaft.** Leipzig: Friedrich Lanckischens Erben, 1752.
- DANNENBERG, Lutz. Siegmund Jacob Baumgartens biblische Hermeneutik. In: BÜHLER, Axel (org.). **Unzeitgemäße Hermeneutik:** Verstehen und Interpretation im Denken der Aufklärung. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1994, p. 88-157.
- FLEISCHER, Dirk. Geschichte und Sinn. Johann Salomo Semler als Geschichtstheoretiker. **Zeitschrift für Geschichtswissenschaft**, v. 5, n. 56, p. 397-417, 2008.
- . **Zwischen Tradition und Fortschritt:** Der Strukturwandel der protestantischen Kirchengeschichtsschreibung im deutschsprachigen Diskurs der Aufklärung. 2 Vols. Waltrop: Hartmut Spenner, 2006.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método:** Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1998 [1960].
- GATTERER, Johann Christoph. J. C. Gatterers Vorrede von der Evidenz in der Geschichtskunde. In: **Die Allgemeine Welthistorie, die in England durch eine Gesellschaft von Gelehrten ausgefertigt worden.** In einem vollständigen und pragmatischen Auszuge. Mit einer Vorrede Joh. Christoph Gatterers. Herausgegeben von D. Friedrich Eberhard Boysen. Alte Historie. Vol. 1. Halle: Johann Justinus Gebauer, 1767, p. 1-38.
- GODEL, Rainer; ADLER, Hans (orgs.). **Formen des Nicht-Wissens der Aufklärung.** München: Wilhelm Fink, 2010.
- HAMMERMEISTER, Kai. **Hans-Georg Gadamer.** München: Beck, 2006.
- HEEREN, Arnold Hermann Ludwig. **Historische Werke.** Vol. 6. Göttingen: Johann Friedrich Röwer, 1823.
- HENKEL, Thomas. August Ludwig (von) Schröders Russlandbeziehungen – Briefwechsel, Wissenstransfer, Spätwerk. In: MITTLER, Elmar; GLITSCH, Silke (orgs.). **300 Jahre St. Petersburg. Russland und die "Göttingische Seele".** 3^a ed. Göttingen: Niedersächsische Staats- und Universitätsbibliothek Göttingen, 2004, p. 200-220.
- . Der vernünftige Mönch. Die Funktion der Nestorchronik für August Ludwig von Schröders Selbstverständnis. **Zeitschrift für Geschichtswissenschaft**, v. 54, p. 101-117, 2006.
- [HEYNE, Christian Gottlob]. Probe Rußischer Annalen von August Ludwig Schröder, Rußisch-Kayserl. Professor der Historie – im Verlage G. L. Försters, 1768, 235 S. **Göttingische Anzeigen von gelehrten Sachen unter der Aufsicht der Königl. Gesellschaft der Wissenschaften.**

27. und 28. Stück. Den 3. und 5. März 1768. Göttingen: Johann Albrecht Barmeier, p. 209-224, 1768.
- HILDERMEIER, Manfred. Von der Nordischen Geschichte zur Ostgeschichte. Osteuropa im Göttinger Horizont. In: BOOCKMANN, Hartmut (org.). **Geschichtswissenschaft in Göttingen**: Eine Vorlesungsreihe. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1987, p. 102-121.
- IGGERS, Georg G. Ist es in der Tat in Deutschland früher zur Verwissenschaftlichung der Geschichte gekommen als in anderen europäischen Ländern? In: KÜTTLER, Wolfgang; RÜSEN, Jörn; SCHULIN, Ernst (orgs.). **Geschichtsdiskurs**. Vol. 2: Anfänge modernen historischen Denkens. Frankfurt am Main: Fischer, 1994, p. 73-86.
- _____. The Professionalization of Historical Studies and the Guiding Assumptions of Modern Historical Thought. In: KRAMER, Lloyd; MAZA, Sarah (orgs.). **A Companion to Western Historical Thought**. Malden: Blackwell, 2002, p. 225-242.
- _____; WANG, Q. Edward. **A Global History of Modern Historiography**. Harlow: Pearson, 2008.
- KARLE, Joan. **August Ludwig von Schlözer**: An Intellectual Biography. Thesis (PhD). Faculty of Political Science, Columbia University, 1972.
- LAUER, Reinhard. Schlözer und die Slawen. In: DUCHHARDT, Heinz; ESPENHORST, Martin (orgs.). **August Ludwig (von) Schlözer in Europa**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2012, p. 23-40.
- LEHMANN-CARLI, Gabriela; BROHM, Silke; PREUSS, Hilmar. **Göttinger und Moskauer Gelehrte und Publizisten im Spannungsfeld von russischer Historie, Reformimpulsen der Aufklärung und Petersburger Kulturpolitik**. Berlin: Frank & Timme, 2008.
- LEVINE, Joseph M. **The Battle of the Books**: History and Literature in the Augustan Age. Ithaca; London: Cornell University Press, 1994.
- MARINO, Luigi. **Praeceptores Germania**: Göttingen, 1770-1820. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995.
- MEYER, Annette. **Von der Wahrheit zur Wahrscheinlichkeit**: Die Wissenschaft vom Menschen in der schottischen und deutschen Aufklärung. Tübingen: Max Niemeyer, 2008.
- MÜHPFORDT, Günter. August Ludwig Schlözer (1735-1809). In: WINTER, Eduard; JAROSCH, Günther (orgs.). **Wegbereiter der deutsch-slawischen Wechselseitigkeit**. Berlin: Akademie Verlag, 1963, p. 133-156.
- MUHLACK, Ulrich. Klassische Philologie zwischen Humanismus und Neuhumanismus. In: VIERHAUS, Rudolf (org.). **Wissenschaften im Zeitalter der Aufklärung**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1985, p. 93-119.

- . **Geschichtswissenschaft im Humanismus und in der Aufklärung:** Die Vorgesichte des Historismus. München: Beck, 1991.
- . Historie und Philologie. In: BÖDEKER, Hans Erich; IGGERS, Georg G.; REILL, Peter Hanns (orgs.). **Aufklärung und Geschichte:** Studien zur deutschen Geschichtswissenschaft im 18. Jahrhundert. 2ª ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992, p. 49-81.
- MÜLLER, L. Nestorchronik. In: HOOPS, Johannes (org.). **Reallexikon der Germanischen Altertumskunde.** Vol. 21. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2002, p. 94-100.
- PESENSON, Michael A.; SPOCK, Jennifer B. Historical Writing in Russian and Ukraine. In: RABASA, José; SATO, Masayuki; TORTAROLO, Edoardo; WOOLF, Daniel (orgs.). **The Oxford History of Historical Writing.** Vol. 3: 1400-1800. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 282-301.
- PETERS, Martin. Von Göttingen nach St. Petersburg und zurück – Grenzüberschreitungen im Leben und Werk August Ludwig (von) Schlözers (1735-1809). In: MITTLER, Elmar; GLITSCH, Silke (orgs.). **300 Jahre St. Petersburg. Russland und die "Göttingische Seele".** 3ª ed. Göttingen: Niedersächsische Staats- und Universitätsbibliothek Göttingen, 2004, p. 183-199.
- . **Altes Reich und Europa:** Der Historiker, Statistiker und Publizist August Ludwig (v.) Schlözer (1735-1809). 2ª ed. Münster: LIT Verlag, 2005.
- ; WINKELMANN, Dirk. Netzwerk aus Kalkül. Die Karriere August Ludwig Schlözers in St. Petersburg. In: DAHLMANN, Dittmar (org.). **Die Kenntnis Rußlands im deutschsprachigen Raum im 18. Jahrhundert.** Göttingen; Bonn: V&R unipress; Bonn University Press, 2006, p. 125-138.
- REILL, Peter Hanns. **The German Enlightenment and the Rise of Historicism.** Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1975.
- . Naturwissenschaften und Geschichtswissenschaft in der Spätaufklärung. Der Prozeß der Verwissenschaftlichung der Geschichte. In: KÜTTLER, Wolfgang; NOACK, Karl-Heinz (orgs.). **Historiographiegeschichte als Methodologiegeschichte:** Zum 80. Geburtstag von Ernst Engelberg. Berlin: Akademie Verlag, 1991, p. 102-105.
- SCHARLOTH, Joachim. Evidenz und Wahrscheinlichkeit: Wahlverwandtschaften zwischen Romanpoetik und Historik im 18. Jahrhundert. In: FULDA, Daniel; TSCHOPP, Silvia Serena (orgs.). **Literatur und Geschichte:** Ein Kompendium zu ihrem Verhältnis von der Aufklärung bis zur Gegenwart. Berlin; New York, 2002, p. 247-275.
- SCHLÖZER, August Ludwig. Gedanken über die Art, die russische Historie zu traktieren, [Petersburg] 1.6.[1764], Archiv AN SSSR, R. I, Op. 77, Nr. 23, Bl. 1-7r. Apud: WINTER, E. (org.). **August Ludwig v. Schlözer und**

Russland. Eingeleitet und unter Mitarbeit von L. Richter und L. Zeil. Berlin: Akademie Verlag, 1961, p. 51-62.

_____. **Probe Russischer Annalen.** Bremen; Göttingen: Im Verlage Georg Ludewig Försters, 1768.

_____. **August Ludwig Schröders Kleine Weltgeschichte.** Num. II: Geschichte von Russland. Erster Theil biss auf die Erbauung von Moskau um J. 1147. Göttingen; Gotha: Ioh. Christ. Dieterich, 1769.

_____. **Vorstellung seiner Universal-Historie.** Göttingen; Gotha: Johann Christian Dieterich, 1772.

_____. Über die Geschichtsverfassung. In: MABLY, Abbe. **Von der Art Geschichte zu schreiben, oder über die historische Kunst.** Strasburg: In der akademischen Buchhandlung, 1784, p. 1-24.

_____. **Öffentliches und privat-Leben, von ihm selbst beschrieben.** Göttingen: In Vandenhoeck und Ruprecht Verlag, 1802a.

_____. **Nestors Russische Annalen in ihrer Slavonischen GrundSprache:** verglichen, übersetzt und erklärert von August Ludwig Schröder D. Hofrat und Professor in Göttingen. Vol. 1: Allgemeine Einleitung in die alte Russische Geschichte, und in die Nordische Geschichte überhaupt. Göttingen: Heinrich Dieterich, 1802b.

108 _____ **Nestors Russische Annalen in ihrer Slavonischen GrundSprache:** verglichen, übersetzt und erklärert von August Ludwig Schröder. Vol. 2: Rußlands VorGeschichte. Entstehung des russischen Stats. Erster GrosFürst Rurik, bis zu dessen Tod im J. 879. Allgemeiner Plan, die russische Annalen kritisch zu behandeln. Göttingen: Heinrich Dieterich, 1802c.

_____. **Nestors Russische Annalen in ihrer Slavonischen GrundSprache:** verglichen, von SchreibFelern und Interpolationen gereinigt, erklärt, und übersetzt von August Ludwig von Schröder, Hofrat und Professor der StatsWissenschaften in Göttingen, des Kaiserl. Russischen Ordens des heil. Wladmirs 4ter Classe Ritter. Vol. 3: OLEG, vom J. 879-913; zweiter GrosFürst und zweiter Stifter des Russischen Reichs. Göttingen: Heinrich Dieterich, 1805a.

_____. **Nestors Russische Annalen in ihrer Slavonischen GrundSprache:** verglichen, von SchreibFelern und Interpolationen gereinigt, erklärt, und übersetzt von August Ludwig von Schröder, Hofrat und Professor der StatsWissenschaften in Göttingen, des Kaiserl. Russischen Ordens des heil. Wladmirs 4ter Classe Ritter. Vol. 4: IGOR, dritter GrosFürst, vom J. 913-945. Göttingen: Heinrich Dieterich, 1805b.

_____. **Nestors Russische Annalen in ihrer Slavonischen GrundSprache:** verglichen, von SchreibFelern und Interpolationen möglichst gereinigt, erklärt, und übersetzt, von August Ludwig von Schröder, Professor der

StatsWissenschaften bei der Georgia-Augusta, geheimem JustizRat, und Kaiserl. Russ. Ritter vom Orden des heil. Wladmirs. Vol. 5: Die heil. OLGA, ReichsVerweserin; der IVte GrosFürst AVIATOSLAV, und der Vte JAROPOLK: zusammen vom J. 945 bis 980. Göttingen: verlegt von Vandenhoeck und Ruprecht, 1809.

SCHLÖZER, Christian von. **August Ludwig von Schrözers öffentliches und Privatleben aus Originalurkunde, und mit wörtlicher Beifügung mehrerer dieser letzteren, vollständig beschrieben von dessen ältestem Sohne Christian von Schrözer.** Vol. 1. Leipzig: J. C. Hinrichsche Buchhandlung, 1828.

SEMLER, Johann Salomo. **Versuch den Gebrauch der Quellen in der Staats- und Kirchengeschichte der mitlern Zeiten zu erleichtern.** Halle: Justinus Gebauer, 1761.

SMEND, Rudolf. Johann David Michaelis und Johann Gottfried Eichhorn – zwei Orientalisten am Rande der Theologie. In: MÖLLER, Bernd (org.). **Theologie in Göttingen:** Eine Vorlesungsreihe. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1987, p. 58-81.

VÖLKEL, Markus. German Historical Writing from the Reformation to the Enlightenment. In: RABASA, José; SATO, Masayuki; TORTAROLO, Edoardo; WOOLF, Daniel (orgs.). **The Oxford History of Historical Writing.** Vol. 3: 1400-1800. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 341-342.

WINTER, E. (org.). **August Ludwig v. Schrözer und Russland.** Eingeleitet und unter Mitarbeit von L. Richter und L. Zeil. Berlin: Akademie Verlag, 1961.

WITTMANN, Reinhart. **Geschichte des deutschen Buchhandels.** München: Beck, 2011.

ZEDLER, Johann Heinrich (org.). **Johann Heinrich Zedlers größes vollständiges Universal-Lexicon aller Wissenschaften und Künste, welche bisher durch menschlichen Verstand und Witz erfunden worden.** Halle; Leipzig: Johann Heinrich Zedler, 1747, Vol. 52, [Art. Wahrscheinlichkeit, oder Probabilität] Cols. 1020-1063.

ZIEGENGEIST, Gerhard. Drei unbekannte Dokumente zur deutschen Verlagsgeschichte von Schrözers 'Nestor' aus den Jahren 1806-1807. In: **Festschrift für Wolfgang Gesemann.** Vol. 3: Beiträge zur slawischen Sprachwissenschaft und Kulturgeschichte. Neuried, 1986.